

MEMÓRIAS E SENTIDOS DA TERRA PRETA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE BOM JARDIM / SANTARÉM - PARÁ

Wagner Fernando da Veiga e Silva¹
Andrea Rabelo²

RESUMO

O presente estudo objetiva apresentar as características morfológicas, uso e as noções que os agricultores dão à terra preta existente na comunidade de remanescentes do quilombo de Bom Jardim, localizado na Cidade de Santarém no Estado do Pará. A área em estudo é um sítio de terra preta, onde existe aproximadamente 82 famílias. Para tanto foi realizada uma pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, tendo uma abordagem qualitativa de caráter descritivo/exploratório. O instrumento para a coleta de dados ocorreu por meio de observações diretas na área de estudo e entrevistas com agricultores quilombolas. Nesse contexto, notou-se que o solo de terra preta nesta comunidade está associado às práticas agrícolas há aproximadamente 60 anos o que ocasionou uma intensa aproximação com esse tipo de solo e sua composição material- artefatos arqueológicos- que por sua vez geram novos sentidos sobre o solo. A forma de manejá-lo é transmitida às gerações seguintes e carregam consigo funções e sentidos criados pela vivência dessas comunidades, seja pela atividade agrícola em si ou pelos sentidos que lhes dão por meio da experiência cotidiana que produzem histórias de “visagens” associados ao uso da terra preta que, lhes conferem um sentido de pertencimento ligados a este solo.

Palavras-chave: terra-preta; quilombo; morfologia do solo; usos e sentidos.

ABSTRACT

The present study aims to present the morphological characteristics, use and notions that farmers give to the terra preta existing in the community of remnants of the quilombo of Bom Jardim, located in the city of Santarém in the State of Pará. The study area is a terra preta site, where there are approximately 82 families. For that, a bibliographic research and field research were carried out, having a qualitative approach of a descriptive/exploratory character. The instrument for data collection took place through direct observations in the study area and interviews with quilombola farmers. In this context, it was noted that the terra preta soil in this community has been associated with agricultural practices for approximately 60 years, which has led to an intense approach to this type of soil and its material composition - archaeological artifacts - which in turn generate new meanings about the soil. The way of handling it is transmitted to the following generations, and they carry with them functions and meanings created by the experience of these communities, either by the agricultural activity itself or by the meanings given to them through the daily experience that produce stories of “sights” associated with the use of terra preta that give them a sense of belonging linked to this soil.

Keywords: terra-preta, quilombo, soil morphology, uses and meanings

¹ Geógrafo formado pela Universidade Federal do Pará

² Geógrafa Formada pela Universidade Federal Oeste do Pará

1. A TERRA PRETA EM SANTARÉM

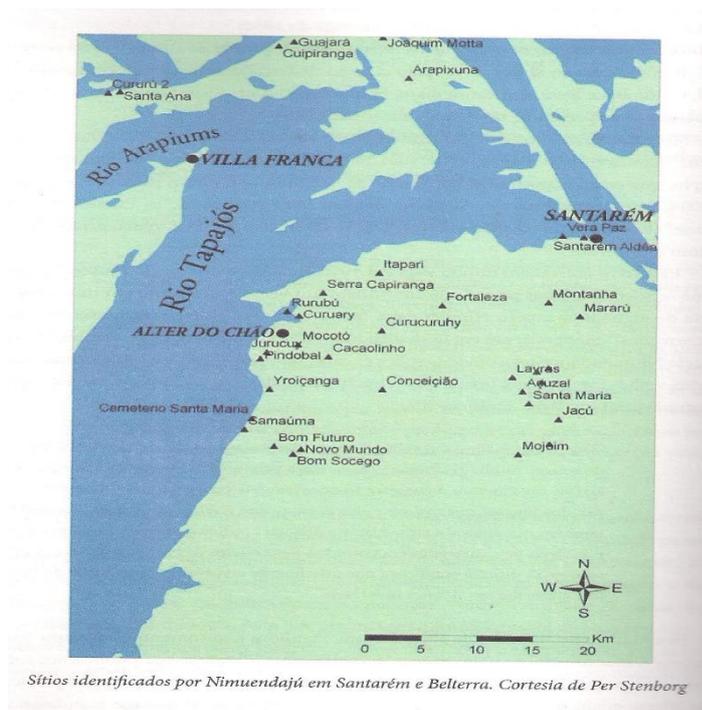
O município de Santarém é conhecido desde o século XIX, pela comunidade científica por causa de seu potencial arqueológico. “A cidade de Santarém assenta-se sobre um sítio arqueológico que era habitado, até o século XVII, por grupos indígenas intitulados como “Tapajós”³, que deram nome ao rio que banha a cidade” (Schann & Lima, 2012).

Segundo a historiografia,

O primeiro europeu a ter contato com os Tapajós parece ter sido o capitão Pedro Teixeira, que visitou a região em 1626 e, mais tarde em 1639, regressando da viagem a Quito. Pedro Teixeira novamente adentra o rio Tapajós, descrevendo os índios como guerreiros e ressaltando a quantidade de provisões: carnes do mato, aves, peixes, frutas e farinhas (BRASIL, 1910 apud Schann & Lima, 2012: 18).

Os índios residiriam nas aldeias em Alter do Chão a partir de onde os portugueses começaram a ter contato com os eles com mais frequência. Desde então, em “1754 cria-se oficialmente a vila de Santarém, que, no entanto, se tornará cidade somente em 1848” (Schann & Lima, 2012: 17).

Figura 1: Sítios de terra preta identificados por Nimuendajú em Santarém



Fonte: Schann, 2012:17

A região de Santarém foi visitada várias vezes por Curt Nimuendajú, entre 1922 e 1926. Nimuendajú era indigenista associado ao Museu Goeldi e ao Museu de Gotemburgo na Suécia. Preocupado em mapear as culturas pré-colombianas e coletar artefatos arqueológicos e etnográficos para museus europeus. Nimuendajú observou que a cidade de Santarém estava construída sobre um depósito arqueológico, ao identificar terra preta contendo fragmentos cerâmicos, propôs que a cidade seria o ponto principal da difusão da cultura tapajó (Amoroso 2001:15, Nimuendajú, 2000:45). Ele ainda identificou 65 sítios arqueológicos na região abrangida por Santarém, Alter do Chão, Rio Curua-Úna e a margem direita do Rio Amazonas (Gomes 2002: 26).

A partir desse mapeamento realizado por Curt Nimuendajú (Figura 1) foi possível ter uma noção da construção dos padrões de continuidade dos assentamentos constituídos de solos de terra preta no Baixo Amazonas.

³ Os tapajós, grupo indígena que vivia na foz do rio homônimo no século XVI, tem sido motivo de investigação por parte de arqueólogos e outros cientistas desde o final do século XIX, mas ainda são muitas as perguntas em aberto sobre seu modo de vida, demografia, organização social e a extensão de sua ocupação no baixo rio Amazonas (Lima & Schann, 2012: 17).

É importante ressaltar que o solo da Amazônia, em geral, provém das rochas sedimentares, sendo consideradas altamente inteperizadas e como consequência pobre em nutrientes. No entanto, existem áreas de solo com terra preta, que diferem em vários aspectos do solo original da região, possuindo um horizonte A de cor escura e com alto teor de P (fósforo), Ca (cálcio), Mg (magnésio), Zn (zinco), Mn (manganês) e C (carbono). As áreas com terra preta são encontradas sobre os mais diversos tipos de solo, como por exemplo: em latossolo e terra roxa estruturada e, ocupam normalmente 2 a 3 ha de extensão, podendo existir locais com áreas superiores há 80 (Smith, 1980:68).

Atualmente existem dois modelos explicativos para a origem da terra preta, um deles de que,

O surgimento das terras pretas é atribuído ao resultado acidental de um assentamento, fruto do descarte doméstico e acúmulo de matéria orgânica provenientes de assentamentos que tiveram um longo prazo de permanência (Smith, 1980: 98, Kern, 1988; Kern & Kampf, 1989:90), chamado por Kämpf (2003:89) de “midden model”. (Rebellato, 2007: 31).

E o outro de que,

O processo e formação de tais solos resultam de ações antrópicas intencionais de enriquecimento do solo para aumentar a capacidade agrícolas dos empobrecidos solos tropicais, também chamados de modelo agrícola (Woods & McCann, 1999 apud Rebellato, 2007: 31).

Os vestígios culturais (cerâmica, artefatos como machadinhas, líticos, ossos etc.) estudados pela arqueologia pré-histórica e histórica encontram-se depositados no solo, que tem suas características relacionadas, sobretudo, à rocha do embasamento, ao clima, à flora, à fauna, ao relevo e ao tempo de formação decorrido e podem ser classificados de acordo com a textura, coloração, teor e presença de matéria orgânica e espessura, entre outras características.

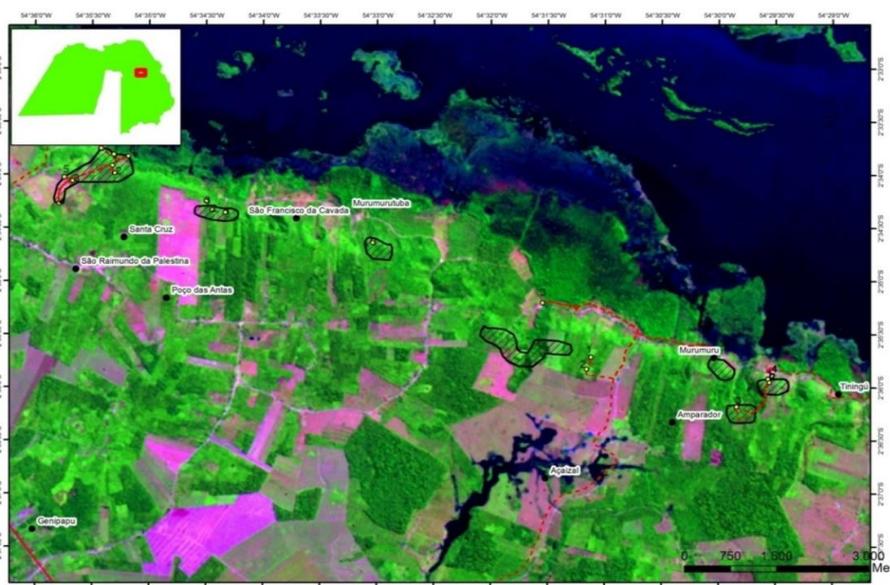
Os solos fazem parte de um ambiente dinâmico e heterogêneo, e podem ter suas características modificadas mediante alterações ambientais e/ ou processos localizados. A pedologia, segundo Lepsch (2002:50), é o ramo das ciências que estuda de forma ampla os solos, considerando a pedogênese com base na descrição dos diferentes horizontes. O autor menciona também que o solo é objeto de estudo de diferentes formações profissionais, como agronomia, geologia, engenharia química, arqueologia etc., e que para cada formação há uma definição didática e ampla para solos.

2. A TERRA PRETA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE BOM JARDIM

A terra preta na comunidade quilombola de Bom Jardim (Figura 2) está diretamente ligada ao processo de reocupação da área, conforme apresenta Lima (2013: 02):

Uma vez que após a abolição da escravatura os grupos remanescentes de escravos passaram a consolidar mais livremente suas relações com o território ocupado, fosse ele recebido de seus antigos donos ou de lugares habitados no interior da mata, na margem de rios e igarapés ou em altas cachoeiras próximas às terras antropizadas por indígenas, como é o caso da denominada terra preta. É importante ressaltar de como ao longo dos anos essas comunidades têm utilizado o solo de terra preta, principalmente as que estão próximo às margens dos rios, para a produção agrícola desde o período colonial.

Figura 2: Sítios de terra preta nas comunidades quilombola de Santarém, Pará.



Fonte: Lima, 2013, autor do Mapa Ney Rafael Gomes Monteiro

Este é o caso do Bom Jardim, onde o solo de terra preta encontra-se em um platô, às margens do rio Maicá (Figura 3). É interessante notar de como a comunidade quilombola também se estabeleceu no passado no mesmo lugar que as populações indígenas pretéritas.

Figura 3: Vista do rio Maicá a partir do platô de terra preta. Comunidade quilombola de Bom Jardim. Santarém (PA, 2013)



Fonte: Dos autores

A esse respeito German (2004 apud Kern et al 2009: 74) aponta,

Os sítios arqueológicos com TP estão comumente localizados ao longo de rios e interflúvios, ocupando várzeas, elevações marginais adjacentes e terra firme. A localização desses assentamentos favorece o acesso aos recursos de diferentes ambientes, além do controle das vias de acesso e visibilidade para defesa.

O fato teria ocorrido porque a visão do platô permitiria melhor vislumbrar a chegada de invasores ou qualquer outra pessoa não-quilombola que se aproximasse da comunidade pelo rio, pois como já indicara Funes (2005:45) muitos dos negros que fugiram das casas de seus senhores no município de Santarém, aproveitavam os dias de festas juninas e de fim de ano para escapar em canoas pelo rio Maicá, onde atualmente encontram-se cinco das doze comunidades quilombolas existentes no município. Dessa forma o platô se tornava um mirante de defesa ao invasor que se aproximava.

A escolha do local para estabelecimento do quilombo não era aleatória como se poderia imaginar, uma parte dos escravos que constituíram os quilombos em Santarém, já possuíam uma indicação prévia do local onde poderiam se estabelecer, e, muitos desses contatos se davam através de uma rede estabelecida com indígenas residentes na área. É ainda, Funes (2005:50) que trata desse ocorrido onde descreve que no século XIX um bando de praças pertencentes ao governo do estado foi chamado pelos senhores de escravos para dar conta dos negros fugitivos que haviam se embrenhados na mata e que por terem sido estes negros avisados por indígenas da região da chegada das praças, conseguiram esvaír-se do lugar para outro mais distante, dificultando a recapturação dos escravos.

2.1 Aspectos pedológicos

Para entendermos melhor os aspectos pedológicos da terra preta da comunidade quilombola de Bom Jardim alguns conceitos básicos são necessários fazer, como por exemplo, a definição de solo e de horizontes. Para Vieira (1988 apud Rebellato, 2007: p.19),

O solo é definido como transformações físicas e químicas das rochas *locaís* resultantes de processos causados por intemperismo químicos, físicos e humanos que ocorrem *in situ* e originam uma camada de superfície inconsolidada que recobre as rochas.

Pode-se assinalar ainda que “o solo é um corpo tridimensional com propriedades que refletem o impacto do: 1) clima; 2) vegetação; 3) Organismos; 4) topografia; 5) material parental sobre uma variável e 5) tempo” (FAO, 2001 apud Rebellato, 2007:19).

Dessa forma é possível definir como algumas características do solo: “textura, coloração, consistência, estrutura, presença / ausência de raízes e atividade (micro) biológicas do solo (Rebellato, 200:29).

O *Horizonte* também se constitui como uma característica do mesmo e é a mais visível e reconhecível característica deste a olho nu (Creemeens & Hart, 1995 *apud* Rebellato, 2007:29).

Trata-se de uma camada disposta aproximadamente, mas não necessariamente, em sentido horizontal, paralela à superfície, de espessura variável e que se difere dos horizontes adjacentes. A formação dos horizontes é consequência da intensidade de vida do solo, da desintegração de material e das transformações físicas e químicas nele operadas (Vieira, 1988 *apud* Rebellato, 2007: 23).

A natureza e o número de horizontes variam de acordo com o processo de formação do mesmo e podem ser apresentados em camadas tais como, O, A, AB, B, C e R (Rebellato, 2007:30) e que simplifiadamente possuem as seguintes características (Figura 4):

Figura 4: Características das camadas do horizonte do solo.

Camada	Característica
O	Folhas secas; Resíduos orgânicos não alterados fisicamente; Vestígios orgânicos em decomposição.
A	Alto teor de matéria orgânica; Cor escura; Máxima atividade biológica.
AB	Horizonte transicional; Apresenta características de A (parte superior); Apresenta características de B (parte inferior).
B	Acúmulo de argila Ferro (F) ou alumínio (Al); Pouca matéria orgânica.
C	Material inconsolidado; Pouca influência de organismos microbiológicos.
R	Rocha inalterada; Provável matriz do solo.

Fonte: Rebellato, 2007.

A partir dessas definições foi possível observar algumas dessas características na terra preta de Bom Jardim através das covas realizadas, pelos agricultores, para o plantio das mudas de mamão e de algumas leguminosas.

Por meio de uma metragem simples com uma trena, foi possível verificar uma profundidade de 40 cm a 50 cm de terra preta na comunidade quilombola de Bom Jardim, o que pode ser entendido que não se trata de um solo de terra preta profundo.

A camada correspondente ao horizonte, a área observada, em decorrência de que está se tratava de uma área para plantio e que, por conseguinte a camada correspondente à matéria já havia sido removida para dar lugar às covas para plantio das mudas.

No entanto, a camada A estava altamente exposta onde foi possível encontrar um solo rico em material cerâmico (bordas, gargalos, paredes de vasilhames, bases de vasilhames, apliques

zoomorfos, apliques antropomorfos, etc) (Figura 5). (machadinhas e abrasadores) e presença de partículas de carvão.

Figura 1: Artefato cerâmico. Comunidade quilombola de Bom Jardim, Santarém (PA).



Foto: Aldo Lima, 2014

A terra preta de Bom Jardim se constitui em um solo basicamente arenoso, pois durante o verão é fácil de se “desmanchar nas mãos” dos agricultores, mas também é possível encontrar o solo de terra preta areno-argiloso em alguns pontos. É interessante nesse sentido, da classificação do solo de terra preta, a existência de uma classificação idiossincrática, que aqui pode-se apresentar da seguinte forma (Figura 6):

Figura 6: Classificação idiossincrática da terra preta na comunidade quilombola de Bom Jardim.

	Classificação idiossincrática
Solo	Areia, areiúscas
	Barro
Coloração	escura, preta
Textura	Solta, fofa, macia
	Liguenta, grudenta, melada, barro
Fertilidade	Forte, viçosa, adubo, adubada
Extensão	Grande
Tipo de vegetação	Baixa (muitas) e alta (poucas)
Composição	Mistura de areia e barro, mais barro do que areia
Granulação	Farinha, afarofada
Profundidade	Mais ou menos 03 palmos

Fonte: Lima, 2013.dim.

Por estar localizado em uma área de platô, durante o inverno, as águas pluviais que escorrem pelo platô depositam sedimentos de terra preta por toda sua extensão até próximo às margens do rio

Maicá. Fato este que ocasiona uma faixa de terra preta mais arenosa e menos escura depositada por todo o declive do platô.

2.2 Usos e sentidos da Terra Preta

“Durante décadas, a partir da teoria do determinismo ecológico⁴, as populações amazônicas foram vistas como limitadas pelo ambiente da floresta tropical” (Silva, 2009) o que ocasionou uma perpetuação da teoria da degeneração⁵ “nas interpretações sobre a relação das populações indígenas com seu meio físico e material, especialmente na Amazônia.” (Silva, 2009:40). Estudos realizados de ecologia histórica e novas abordagens arqueológicas.

(Balée, 1998, Heckenberger, 1996, 2001, 2006 apud Silva, 2009:30) trouxeram novas compreensões da relação das populações amazônicas com o ambiente, evidenciando que ao invés de limitadas ao meio ambiente essas populações estariam transformando e manejando este meio em que elas viviam já há muito tempo a partir de suas próprias perspectivas, objetivos e percepções do mundo através da domesticação da paisagem (Silva, 2009:30)

“Domesticação da paisagem implica todas as práticas e atividades intencionais e não intencionais dos humanos que transformam o ambiente em uma paisagem produtiva para os humanos e as outras espécies. Paisagens domesticadas são o resultado de uma cuidadosa criação e do manejo de recursos com implicações para a diversidade, distribuição e disponibilidades das espécies” (Erickson, 2008, apud Silva, 2009: 29).

Em Bom Jardim, pode-se afirmar que ocorreu uma dupla domesticação do ambiente, uma realizada pelas populações indígenas do passado e outra pela atual população quilombola que ressignificou por meio de seu manejo, principalmente na atividade agrícola, por meio das roças, a terra preta (Figura 7).

“As áreas de roça são locais de intenso manejo, pois implicam abertura de clareiras, o preparo e a transformação dos solos. Com o intuito de limpar, preparar e fertilizar essas áreas de plantio, as populações praticam queimadas que são controladas em sua intensidade e extensão” (Hecht, 2003 apud Silva, 2009:30).

É interessante pensar a paisagem não como mera formação natural, mesmo porque como afirma Neves (2006:50) a floresta, neste caso, a Amazônica já vinha sendo manejada historicamente por muitos mil anos pelas populações indígenas do passado. O que se vê atualmente, e sobre o qual se atribui como floresta primária, pode ser resultado da manipulação intencional dessas populações, ou seja, a grande biodiversidade da Amazônia poderia da mesma forma estar relacionada há uma grande sociodiversidade.

⁴ O ambiente determina a forma de vida das populações do passado.

⁵ Onde as populações do passado poderiam ter “desaparecido” por conta da escassez de alimentos, por exemplo, que não seria suficiente para alimentar a grande população da época. Isto ocasionaria a constante mobilidade espacial dessas populações tornando-as nômades.

Nesse sentido o que nos apresenta Moraes e Bezerra (2012:66) a partir de Silveira (2004:30, 2009:40) a respeito da paisagem como construção cultural e social é essencial para se compreender a construção desse processo:

A paisagem é um fenômeno cultural, e, enquanto tal, é dinâmica e se transforma ao longo do tempo. A paisagem encerra uma hermenêutica particular, pois é constituída pela afetividade que emana do olhar; e manifesta a aura dos sentimentos a ela relacionados. Assim, os sujeitos sociais “se vêem no mundo que constroem a partir de valores e visões projetadas sobre os lugares, ligando-se profundamente a eles” (Silveira, 2009:76). As paisagens são construções sociais e persistem como forma de cultura, variando em conformidade com os grupos humanos que nelas habitam (Silveira, 2004:208).

A dinâmica de transformação da paisagem é uma ação contínua por parte dos quilombolas de Bom Jardim, que está presente na memória daqueles que trabalharam na terra preta durante sua juventude ou daqueles que ainda trabalham nesses solos. Exemplificamos aqui com duas falas que nos fazem pensar a respeito disso: “A terra preta vem ser o plantio, não é? Porque eu desde que me criei fui vendo essa terra preta... e fui plantando... e foi dando a benfeitoria boa pra nós” (Tereza Guimarães, 84 anos, comunidade quilombola de Bom Jardim).

Dizer que “desde que me criei fui vendo essa terra preta” confere ao sujeito uma herança que está presente na memória, que é experienciada e que, por sua vez, é transmitida aos demais de pai para filho como se pode verificar na próxima fala:

“A Terra Preta...eu quando me entendi, meu pai já tinha essa área de terra, né, meu pai...trabalhava meu pai, minha mãe, eu...que era mais velho né, eu ficava assim com os meninos, né, fazia o que era preciso pra eles, eles trabalhando lá, depois passando um tempo eu já comecei a trabalhar também, aí meu pai teve uma época que por problema de saúde eu já passei se fazer presente nuns serviços lá, aí teve um tempo que eu saí também de lá, passei uma temporada fora, mas trabalhei vários anos lá, eu tô com um tempo de novo de volta.” (Divaldo Guimarães, 56 anos, comunidade quilombola de Bom Jardim).

Figura 2: Etapa de queima do roçado e destocagem. Comunidade quilombola de Bom Jardim, Santarém (PA)



Foto: Aldo Lima, 2014

A maioria das áreas de terra preta na comunidade quilombola de Bom Jardim são cultiváveis com produtos consorciados apresentando uma predominância de alguns produtos como, por exemplo, milho e mandioca e, que são de fundamental importância para a subsistência e renda extra para as famílias quilombolas de Santarém (Lima, 2013:30).

É possível constatar que nas áreas de terra preta em Bom Jardim o processo de preparo do roçado referente a etapa de queimar a vegetação, está ligada mais a uma questão de limpar a área para o plantio do que propriamente associada à agregação de nutrientes ao solo. No entanto, após a colheita do roçado, que geralmente, planta-se de forma consorciada, mamão e feijão, por exemplo (Figura 8), os agricultores têm a prática de agregar ao solo de terra preta os resíduos da colheita, dessa forma conseguem agregar mais nutrientes ao solo.

É importante salientar que o uso das áreas de terra preta em Bom Jardim obedece a um ciclo de revezamento de aproximadamente 3 a 5 anos, ou seja, cada área cultivada é deixada em “descanso” para sua recuperação por esse período, enquanto se vai cultivando em uma outra área e depois desta em outra e assim sucessivamente até voltar a área já “descansada” para novo cultivo. Esse processo é importante para a recuperação de nutrientes do solo, embora alguns cultivos já apresentem sinais de deficiência nutricional do solo, como por exemplo a plantação de banana, que tem apresentado problemas provavelmente por conta da escassez de potássio no solo, segundo a constatação da geoarqueóloga Lilian Rebellato que esteve também observando a plantação de bananas em Bom Jardim.

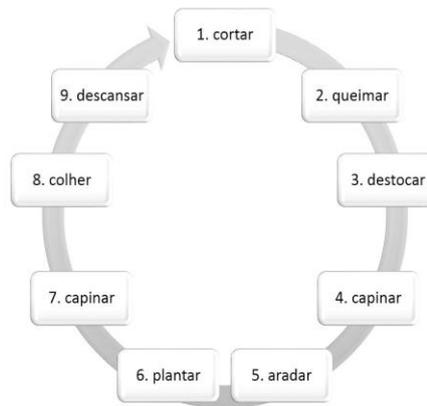
Figura 3: Plantio consorciado (mamão e feijão). Comunidade quilombola de Bom Jardim, Santarém (PA).



Foto: Fabiano Santos, 2013.

Além do uso para a produção agrícola (Figura 10), que parece seguir um modelo de cultivo que foi apontado por Lima (2013:80) (Figura 9), é comum perceber o uso da terra preta em canteiros domésticos destinados ao cultivo de pequenas hortaliças e adubo em vasos de plantas para que as mesmas fiquem viçosas.

Figura 9: Fluxograma da forma de manejo da terra preta no quilombo Bom Jardim.



Fonte: Lima, 2013.

A partir desse traslado de pequenas porções de terra preta para junto das residências, muitas vezes carrega-se também alguns artefatos arqueológicos principalmente de origem cerâmica, que contribuem para a manutenção da umidade nos vasos e canteiros.

Um outro fato que é comum ocorrer durante o manejo da terra preta é o colecionamento de artefatos arqueológicos (Figura 11). Uma parte deles durante a capina ou até mesmo após uma chuva aparecerem e, dessa forma o agricultor, muitas vezes, tem o hábito de levá-lo para sua residência e dessa forma iniciam uma coleção doméstica (Bezerra, 2011:40).

Essa prática de colecionar esses artefatos arqueológicos de maneira fortuita (Bezerra, 2011: 30) é recorrente em comunidades que estejam sobre ou próximas às áreas de terra preta em toda a Amazônia.

Figura 10: Uso da terra preta para produção de mudas de mamão.
Comunidade quilombola de Bom Jardim, Santarém (PA).



Foto: Fabiano Santos, 2013

Figura 11: Apliques zoomorfos (cabeça de jacaré e de urubu, respectivamente)
oriundos de coleção doméstica. Comunidade quilombola de Bom Jardim, Santarém (PA).



Fotos: Aldo Lima, 2014.

A destruição de sítios arqueológicos é crime:

A legislação brasileira protege o patrimônio arqueológico, que ele esteja em propriedade pública ou privada, e os agentes da destruição são punidos por meio de processos judiciais, que implicam desde a aplicação de multas até a decretação de prisão (Bezerra, 2011: 58).

No entanto, o que essas comunidades praticam, na visão de Bezerra (2011:40) não pode ser considerada crime, o que elas, fazem na verdade através desse colecionamento é uma “forma de lidar com o passado que é, muitas vezes, negado pelas narrativas locais, além de apropriado por esse processo de fruição da cultura material” (Bezerra 2011:50), ou seja, é uma forma de apreender o passado e ressignificar os artefatos no presente por meio de uma experiência tátil:

A relação com a terra é crucial para essas comunidades. O principal meio de subsistência é a agricultura, seguido pela pesca, o que implica uma experiência cotidiana e tátil com a terra e o que nela for encontrado. O reconhecimento tátil das coisas faz parte das práticas agrícolas. As mãos e os dedos operam como instrumento de exploração, de verificação, de construção

do conhecimento. Assim, se por um lado os fragmentos de cerâmica ou de lítico são naturalizados em suas paisagens cotidianas, por outro, eles são “estranhados” no processo de esfregamento de suas superfícies (Bezerra 2013: 114).

É através do estranhamento dos artefatos que é possível gerar as concepções que as comunidades quilombolas possuem a respeito do material encontrado. No momento da esfregação podem surgir inúmeros questionamentos, sobre quem fez, como fez, para que fez, etc... Esses questionamentos são indicadores de uma nova concepção do sentido e uso desses solos de terra preta.

A experienciação tátil acaba por firmar o sentido de “testemunhas da história” (Troufflard, 2012:30) que já passou e que está sendo reconstruída no presente. Ao pegar os artefatos, o colecionador está colecionando a si próprio (Braudillard, 2004 *apud* Troufflard, 2012:59) pois uma vez que o colecionador experimenta esse contato ele passa a recontar suas experiências e recriar sua própria história.

Um outro ponto bom para se pensar os sentidos que a comunidade quilombola de Bom Jardim dá à terra preta existente em seu território, é a de que como a terra preta se constitui em um lugar de pertencimento da identidade local, pois como afirma Moraes e Bezerra, 2012:40) “[...] outros vínculos são reconhecidos quando a “linhagem” ou o “legado” são pouco convincentes. Para ele, a memória cria o sentido de tempo do homem, mas, a ‘pertença’, alia-se ao conteúdo espacial da existência.” Esse sentimento de pertença ocorre exatamente por conta dessa constante experienciação com o solo. (Moraes e Bezerra, 2012:36).

Há uma fala de um dos agricultores quilombolas que representa um pouco esta questão: “Então... a terra preta, pra mim, ela é assim, pode se dizer assim é, é...herança dos indígenas que deixaram pra nós, é onde a gente trabalha” (Raimundo Ribeiro, 62 nos, comunidade quilombola de Bom Jardim).

É uma nova pertença que vai sendo tecida com o tempo e com o contato com o solo que o confere um caráter de herança, mesmo que tenha sido de um povo para outro de culturas distintas, originariamente.

3. RESULTADO E DISCUSSÃO

Embora a terra preta, geralmente, se constitua em um solo antrópico antigo, o uso da mesma por comunidades quilombolas só ocorreu com sua chegada em território amazônica no período colonial durante a escravidão de negros e índios. A partir de então essas populações passam a dar novos usos e sentidos à essa apropriação desse solo.

Em Bom Jardim, assim como em outras comunidades quilombolas, existentes no Baixo Amazonas e que também possuem solos de terra preta, o uso da terra preta esteve associado à práticas

agrícolas por conta da sua fertilidade. Nessas áreas os solos se constituem, em sua maioria como solos argilo-arenosos, de coloração *Black* da escala Munssel, com a presença de muitos artefatos arqueológicos e que por muitas vezes, por conta do preparo das áreas para plantio são coletados, formando coleções domésticas.

Dessa coleta é oriunda a experienciação tátil, que se torna um dos elementos fundamentais de criação dos sentidos que as comunidades quilombolas dão aos artefatos arqueológicos encontrados nos solos de terra preta, porque por meio da realização dos roçados essa experiência se torna duplamente tátil, a primeira com o solo com o qual preparam para o plantio e a segunda com os artefatos. É por meio dessa experiência que se originam questionamentos como por exemplo: *Quem fez isto? Quando foi feito? Como fizeram? Para que fizeram? O que é isso? E, O que significam essas caretinhas, essa pintura, esses arranhões, etc?*

Essa experienciação é transmitida para os filhos e filhas que também, seja por necessidade ou para acompanhar os pais nos roçados, acabam por perpetuar entre os familiares essa experiência e o entendimento sobre o material arqueológico encontrado, que por muitas vezes são transformados em histórias de *visagens* e assombrações dos povos que habitavam essas áreas no passado. Essas *visagens* além de se constituírem como elemento sacralizado da terra preta, pois nela estariam habitando espíritos dos antepassados - fossem eles indígenas ou negros -, são também ferramentas de proteção dessas áreas de plantio, pois sabendo que na terra preta em determinadas horas do dia, como por exemplo ao meio dia e às dezoito horas, não se pode ficar no roçado, pois esses espíritos podem aparecer e fazer *judiações*⁶ para quem desobedecer.

Dessa forma, é possível pensar que tantos os aspectos pedológicos quanto os sentidos e usos que a comunidade quilombola de Bom Jardim faz da terra preta em sua comunidade, não estão dissociados das práticas cotidianas que contribuem para a continuidade e conservação do solo de terra preta. Se atualmente, supostamente, a terra preta em Bom Jardim - apesar de suas características pedológicas gerais comuns a tantas outras terras pretas - apresenta elementos que são diferenciadores de outras terras pretas em comunidades quilombola, isto se dá por conta exatamente dessa intervenção humana que os quilombolas vão realizando durante suas práticas, ora acrescentando mais elementos (resíduos orgânicos, por exemplo) ao solo fortalecendo-o ora retirando elementos (nutrientes do solo) deixando-o mais “*fraco*”. As consequências dessas dinâmicas são perceptíveis por meio do resultado da produção dos plantios realizados. Produção abundante significa que a terra preta está *forte*, produção menor então a terra preta está *fraca*.

⁶ Maltratos físicos e espirituais que só podem ser curados com a oração e “trabalhos” de benzedeiros.

4. CONCLUSÕES

Após o trabalho de observação realizado no sítio de terra preta na comunidade quilombola de Bom Jardim foi possível concluir que os aspectos pedológicos desse sítio e o seu constante uso para a produção agrícola apontam para um possível enfraquecimento da terra preta, pois os cultivares produzidos nessa área tem apresentado alguns problemas em seus frutos ou no período de sua germinação, como por exemplo, pés de mamão que não conseguem produzir muito bem os seus frutos apodrecendo ou secando antes de amadurecerem, pés de tomate e pimentão que murcham ainda quando pequenos, alguns desses indicativos podem estar associados à alguma deficiência de nutrientes no solo, isto porque esse solo de terra preta já vem sendo utilizado a aproximadamente 40 anos pela comunidade. Mesmo sendo realizado o revezamento das áreas de produção, ainda assim pelo tempo que ela vem sendo utilizada pode ter acarretado essa deficiência.

Outro importante ponto está relacionado à idiosincrasia do solo de terra preta. Ele se constitui em um importante instrumento para a compressão que as comunidades quilombolas tem a respeito da terra preta. Parte desse conhecimento é oriundo de suas práticas cotidianas, por meio, principalmente, da experientiação tátil, que por sua vez, oferece elementos constituintes de maneiras de como lidar com a terra preta e, produz ainda um imaginário e uma certa sacralidade que são utilizadas como elementos de proteção dos roçados em terra preta. Nesse sentido o passado faz vínculo com o presente, seja ele indígena ou de negros quilombolas que residiriam sobre a terra preta.

Essas noções, práticas e os sentidos que a comunidade dá à terra preta são reproduzidas e transmitidas de geração em geração. Desta forma a cultura, seja material ou imaterial, da comunidade vai assumindo formas diversas de acordo com a compreensão de cada um indivíduo e de forma coletiva à medida que se reproduz, também, coletivamente possibilitando a perpetuação das práticas, que são mutáveis, e a construção da cultura quilombola como elemento dinâmico e sempre atual. Pensar a terra preta em Bom Jardim é pensar como as populações do passado e do presente conseguem se estabelecer e produzir para sua manutenção de vida, seja ela de ordem simbólica, física, religiosa, cultural, social, econômica, etc.

REFERÊNCIAS

- Amoroso, MR. 2001. Nimuendajú às voltas com a história. *Revista de Antropologia*. 44(2). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012001000200006>.
- Bezerra, M. 2011 “As moedas dos índios”: um estudo de caso sobre os significados do patrimônio arqueológico para os moradores da Vila de Joanes, ilha do Marajó, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* 6(1): 57-70
- _____. 2013. Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: reflexões a partir da Amazônia. *Revista de Arqueologia Pública* 7: 107-122
- Funes, E. 2005. Bom Jardim, Murumurutuba, Murumuru, Tiningú, Ituqui, Saracura, Arapemã. Terra de afroamazônias. Disponível em: <https://cpisp.org.br/wp-content/uploads/2017/06/TerrasAfro-amazonidas.pdf>
- Kern D, Kampf N, Woods WI, Denevan WM, Costa ML, Frazão FJL, Sombroek W. 2009. Evolução do Conhecimento em Terra Preta de Índio. In *As Terras Pretas de Índio da Amazônia: Sua Caracterização e Uso deste Conhecimento na Criação de Novas Áreas*, ed. WG Teixeira, DC Kern, BE Madari, HN Lima, WI Woods, pp.72-81. Manaus: Embrapa Amazônia Ocidental.
- Lepsch IF. 2002. *Formação e Conservação dos solos*. São Paulo: Oficina de Textos, 178 p.
- Lima ALC. 2013. Terra de Negro – Preta Terra: O Uso da Terra Preta como Instrumento de Fortalecimento da Identidade Quilombola de Santarém. *Relatório do Programa de Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC*, Universidade Federal do Oeste do Pará –UFOPA (não publicado).
- Moraes IP, Bezerra M. 2012. Na beira da faixa: Um estudo de caso sobre o patrimônio arqueológico, as mulheres e as paisagens na Transamazônica. In *Arqueologia, Patrimônio e Multiculturalismo na Beira da Estrada – Pesquisando ao longo das Rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá, Pará*, org. DP Schaan. Belém: GKNoronha.
- Neves EG. 2006. *Arqueologia da Amazônia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Nimuendajú C. 2000. *Cartas do Sertão de Curt Nimuendajú para Carlos Estevão de Oliveira*. Apresentação de notas de Thekla Hartmann. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia; Assírio & Alvim.
- Rebellato L. 2007. *Interpretando a Variabilidade Cerâmica e as Assinaturas Químicas e Físicas do Solo no Sítio Arqueológico Hatahara – AM*. Tese de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE, Universidade de São Paulo – USP.
- Schann DP. 2012 Curt Nimuendajú: “O ser que cria ou faz o seu próprio lar”. In *Arqueologia, Patrimônio e Multiculturalismo na Beira da Estrada – Pesquisando ao longo das Rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá, Pará*, org. DP Schaan. Belém: GKNoronha.
- Schann DP, Lima MA. 2012. A Grande Expansão Geográfica dos Tapajó. In *Arqueologia, Patrimônio e Multiculturalismo na Beira da Estrada – Pesquisando ao longo das Rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá, Pará*, org. DP Schaan. Belém: GKNoronha.
- Silva FA. 2009. A etnoarqueologia na Amazônia: contribuições e perspectivas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* 4(1): 27-37.
- Smith NJH. 1980. Anthrosols and human carrying capacity in Amazonia. *Annals of the Association of American Geographers* 70(4): 553-566.
- Troufflard, J. 2012. O que nos dizem as coleções da relação entre moradores e vestígios arqueológicos na região de Santarém, Pará? In *Arqueologia, Patrimônio e Multiculturalismo na Beira da Estrada – Pesquisando ao longo das Rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá, Pará*, org. DP Schaan. Belém: GKNoronha.
- Woods WI, Mccann JM. 1999. The Anthropogenic Origin and Persistence of Amazonian Dark Earths, In *Yearbook 1999 - Conference of Latin Americanist Geographers*. Editado por C Caviedes, Vol.25: 7-14. Austin: University of Texas Press.